

Caio Tozzi

*TUDO VAI
DAR CERTO,*

**DING
DONG**

Ilustrações por
Leblu



CAMALEÃO

Tudo vai dar certo, Ding Dong

Copyright © 2025 Camaleão.

Camaleão é um selo da Editora Faria e Silva do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.).

Copyright do texto © 2025 Caio Tozzi.

Copyright das ilustrações © 2025 Leblu.

ISBN 978-65-6025-170-0

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

T757t

1.ed. Tozzi, Caio

Tudo vai dar certo, Ding Dong / Caio Tozzi ;

ilustração Leblu. – 1.ed. – Rio de Janeiro :

Camaleão, 2025.

160 p.; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-6025-170-0

1. Adolescência. 2. Ambiente escolar. 3. Amizade. 4. Conflitos.

5. Convivência social. 6. Literatura juvenil. 7. Superação. I. Leblu.

II. Título.

09-2025/89

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal. O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor. A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Camaleão é um selo do Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Faria e Silva

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Erika Alonso

Diagramação e projeto gráfico: IO Design

Revisão: Carolina Oliveira Fraiel e Flávia Yacubian

Ilustrações: Leblu



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada a:



ASSOCIADO



*TUDO VAI
DAR CERTO,*

**DING
DONG**

Amostra

Para Taty

Amostrã

Amostra

CHICO

QUANDO FUI ATÉ A JANELA, VI TEODORA CAMINHANDO rapidamente pelo pátio, na direção do meu prédio. Pelo ritmo de seus passos já sabia que em mais ou menos quatro minutos e meio a campainha aqui de casa seria tocada. Tamanha precisão era por conta das tantas vezes que eu a esperei, ansioso, chegar à minha porta e me chamar para brincar (isso quando éramos crianças), conversar e, como bem gostávamos muitas vezes, para fazer nada (mas isso foi depois que tínhamos passados dos treze anos).

Só que a verdade é que eu não estava nem um pouco a fim de receber visitas naquele dia. Nem mesmo a de Teodora que, na teoria, era a minha melhor amiga. Eu digo “na teoria” porque nos últimos tempos não estava sendo, essa era a real. Desde que ela começou a namorar com o Nicolas — sim, o Nicolas! Eu ainda não entendia como aquilo tinha acontecido — tudo havia mudado. Devia fazer uns seis ou sete meses que aquele estranho relacionamento havia começado, mas, a meu ver, pareciam séculos.



Por isso, já não sabia mais o quanto *eu* ainda fazia parte da vida dela. Mas não podia culpá-la por completo pelo fato. Teodora havia crescido e *eu*, de certo modo, não.

Há dois anos mais ou menos, ela viveu uma transformação que ninguém entendeu. De um dia para o outro, ficou linda, passou de menina para mulher (certa vez, ouvi minha mãe falar isso). Ok, eu sei que talvez não tenha sido assim, num estalar de dedos. Acho que a mudança aconteceu ao longo do verão, mas todos se assustaram quando perceberam que Teodora já não era a menina desengonçada que ficava pelos cantos comigo e tinha se tornado uma das mais bonitas do condomínio em que morávamos — e logo me dei conta de que ela tinha adorado o novo lugar conquistado.

Bom, já *eu* não tinha mudado em nada.

Continuei sendo conhecido por todos por conta do meu silêncio, do meu jeito tímido. O menino observador, que anda pelos cantos quietão e quase não fala com ninguém. Isso me afligia demais. Esse fato de eu não me ver... evoluindo, sabe? Essa sensação de ter parado no tempo, de não conseguir levar minha vida para outros lugares, de não cumprir meus desejos, de ter dificuldades de viver novas experiências. Enfim, confesso que não sabia o que seria de mim.

Pensamentos e mais pensamentos me ocupavam sobre o assunto. Eu queria muito desabafar, dividir o que eu andava guardando no peito com alguém. Mas quem? A Teodora, claro! Só que ela já não tinha mais tempo, aquele mala do Nicolas agora ficava no pé dela.

Foi por isso que, em um dia de extrema ansiedade, saquei meu celular e comecei a falar um monte de coisas. É, gravei tudo que eu, sei lá, precisava dividir com o mundo. E enquanto fazia aquilo, pensava: será que existe mais alguma pessoa em algum lugar deste planeta que pode entender tudo o que a Teodora agora parece não conseguir?

Bom, era uma tentativa.

Lembrei de uns podcasts que comecei a ouvir meses antes. Alguns com boas entrevistas, outros mais temáticos sobre filmes de ficção científica, sobre o poder de cura das plantas e tantas outras coisas, e existiam aqueles que eram apenas divagações.

Eu gostava mais desses. Descobrir o que as pessoas sentiam ou pensavam.

Será que existia alguém neste mundo igual a mim?

Se sim, eu precisava me conectar com estas pessoas.

Eu tinha vontade.

Mas, ao mesmo tempo, tinha medo.

Ouvi e reouvi aquele primeiro desabafo gravado, tomei coragem (algo que não me é habitual) e decidi colocar no ar. Busquei um desses programas de edição de áudio e subi nas plataformas digitais. Sem muito pensar, criei meu próprio podcast. Não sabia no que iria dar. Mas, de qualquer modo, seria um lugar onde eu poderia elaborar as coisas que sentia e jogar para o mundo (eu sabia como era importante este exercício de falar

sobre os sentimentos. De elaborar sobre eles. Minha psicóloga, no tempo que eu fazia terapia, sempre repetia isso).

O podcast *Tudo vai dar certo* — logo explico o título — entrou no ar, mas não divulguei sua existência para ninguém. Um dia, ao gravar outros “episódios”, pensei que talvez ele funcionasse para mim como aquelas antigas garrafas jogadas ao mar com uma mensagem. Quem sabe alguém me encontrasse por acaso. Talvez fosse isso mesmo: a cada programa que ia para o ar era um novo pedido de socorro.

De socorro.

Quem agora iria me ajudar?

Teodora estava ocupada e eu precisava de uma nova companhia.

Ainda mais diante da decisão que eu tinha tomado naquela noite da visita inesperada da minha (antiga?) amiga. Existia uma coisa em minha vida que precisava ser mudada. Eu precisava dar um passo.

— Chicoooo! — minha mãe gritou da sala. — A Ding Dong tá aqui!

Ao ouvir o chamado, corri para a porta do quarto para conferir se estava trancada. Nada poderia atrapalhar a minha missão: gravar o episódio da declaração.

Eu sabia que tinha alguns minutos para inventar uma desculpa qualquer para não atender Teodora. Ela e mamãe se adoravam e, como sempre, ficariam enroscadas na sala, conversando, antes que chegassem até mim. Minha mãe, que se chamava Leila, tinha

imensa afeição pela minha amiga, talvez por conta da tamanha dedicação e carinho que destinava ao seu pobre e coitado único filho — no caso eu.

Tudo começou quando eu tinha dez anos. Mamãe e eu nos mudamos para aquele condomínio. Ele ficava numa área menos privilegiada da cidade e tinha cinco blocos organizados em torno de um pátio grande e cinzento. A região era bastante comercial, com pouco acesso a lazer, diversão e entretenimento. De certo modo, nossa vida de adolescente era sair de lá, ir para escola e voltar. A violência nos impedia, nessa época, de ir muito além dos muros do condomínio e, por isso, aquele local passou a ser o nosso universo. Nossa sorte, é verdade, era que, colado aos prédios, existia um centro poliesportivo da prefeitura com piscinas, quadras, pistas para corrida onde, de vez em quando, costumávamos utilizar (isso antes de eu trabalhar lá, mas logo chego a esse ponto).

Éramos apenas eu e mamãe, nós dois sozinhos no mundo. Por isso, talvez, ela tivesse aquela superatenção comigo. Eu sempre fui tímido e mamãe costumava me ajudar (sem que eu tivesse pedido, essa era a verdade) a ter diversas experiências de vida da maneira mais confortável possível. Hoje não sei o quanto isso foi bom ou ruim. Seja como for, foi ela quem articulou minha aproximação com possíveis amigos na nossa nova morada. Ou seja, meu encontro com Teodora, por exemplo, não aconteceu de maneira espontânea — foi resultado de uma ação dela que eu só viria a descobrir depois de anos, quando minha amiga revelou todos os

bastidores das negociações. Na ocasião da nossa chegada ao edifício, minha mãe perguntou para a mãe de Teodora, de quem havia ficado próxima (ao contrário de mim, era impressionante como dona Leila fazia amigos em qualquer lugar), se sua filha podia me chamar para brincar, fazer parte da turma, aquelas coisas todas.

Então, numa tarde fria, minha mãe me acompanhou até o térreo, onde algumas crianças costumavam ficar. Fiquei observando (sempre com minha vontade de ir, sem nunca conseguir) até que uma delas se aproximou e me convidou para fazer parte de um jogo — era queimada, lembro até hoje. E a pessoa era exatamente a Teodora. Minha mãe, eu bem me lembro, quase me jogou no colo da garota, num ímpeto de incentivo. Meio atrapalhado, meio com medo, eu tive que ir. Mas, para a minha sorte, aconteceu algo que não esperava: me senti bem na companhia daquela possível nova amiga.

Logo os chamados passaram a acontecer, agora sem nenhuma obrigação. Eu percebia isso, nos dávamos muito bem. A cada vez que a campainha do nosso apartamento tocava, eu ficava feliz, mas minha mãe quase soltava fogos de artifícios. Nunca conseguia esconder sua euforia. Não à toa, acabou criando o apelido com o qual Teodora e eu passamos a nos relacionar.

— Chico, olha esse Ding Dong mais uma vez! — anunciava, fazendo alusão ao toque da companhia. O tom alto e sua voz nessas ocasiões tinha a clara intensão de sublinhar para mim que o mundo estava aberto e que eu deveria mergulhar nele. Desse

modo, não demorou muito para que Teodora passasse a ser Ding Dong para mim e eu para ela.

E eu sempre estava pronto para ir com ela para onde me convidasse.

Ao contrário daquela noite.

Não tinha ideia por qual motivo ela estava me procurando, fazia tempo que não aparecia por lá. Conversávamos quando nos cruzávamos pelo pátio, mas os toques na campainha deixaram de ser constantes.

Curioso, coleí minha orelha na porta para acompanhar o papo das duas. Minha mãe falava sem parar, mas Teodora nem tanto, o que era sinal de que estava tensa (eu a conhecia muito bem). Talvez precisasse mesmo conversar algo comigo, sei lá sobre o quê, e minha mãe estava atrapalhando. Até que uma hora Teodora teve que a interromper, com toda educação.

— Leila — minha amiga falou. — Será que posso falar com o Chico agora?

— Ah, é claro! Foi para isso que você veio aqui e eu falando sem parar... — mamãe riu de si mesma. Então, permitiu que Teodora avançasse pelo corredor que dava ao meu quarto, afinal, era de casa. — Vai lá!

Ouvi os passos dela se aproximando até se transformarem em batidas na porta. Eu não queria abrir.

— Chico?

Eu nada respondi e ela insistiu:

— Chico, quero falar com você. Posso?

“Não, não pode!”, pensei, mas não falei. Mantive-me em silêncio, não queria perder o foco da missão de gravar o episódio mais importante da minha vida.

Sim, a declaração.

Era a minha hora que tinha chegado, a hora de mudar, de crescer, de enfrentar a vida.

Eu precisava prestar atenção para evitar que os pensamentos obsessivos e negativos que me assombravam não tomassem conta de mim outra vez. Lembrava sem parar da minha psicóloga falando da importância de tirar as questões do mental e levá-las para a experiência real pois, muitas vezes, são infinitamente mais tranquilas do que esperamos.

Eu até sabia disso, mas sempre me esquecia. Esquecia porque as ideias catastróficas trazidas pela minha ansiedade eram sempre mais fortes.

Preocupações e mais preocupações.

Das consequências, do que as pessoas iriam pensar, de tantas coisas.

Como ter controle de tudo?

Será que eu tinha?

— Chico? — Teodora tentou mais uma vez.

— Hunfgs — resmunguei algo, sem o objetivo de fazer com que ela me entendesse.

Segundos depois, ela desistiu. Eu sabia o quanto estava decepcionada. Ouvi os passos dela se distanciando e percebi, pela

luz que passava pela fresta, que minha amiga já não estava mais lá. Voltei a colocar meu ouvido contra a porta para acompanhar a despedida.

— Ele tem ficado trancado lá no quarto de novo — minha mãe lamentou em voz baixa (mas o menor tom de voz dela é alto o suficiente para eu escutar). — Ai, Teodora, será que vai começar tudo de novo?

— Não sei. Eu volto depois — ela respondeu. — Eu tenho uma coisa importante para falar com ele.

— Ah, é? — mamãe se animou. — E o que é? Me conta, vai!

— Não, tia. Eu quero muito que o Chico saiba primeiro.

Fiquei aflito com aquilo.

Desejei num milésimo de segundo abrir a porta e chamar Teodora de volta. Mas antes de fazer isso, os pensamentos chegaram questionando o que iriam achar, quais reações teriam ao me ver agindo impulsivamente.

Fiquei paralisado.

Coloquei as mãos no rosto me sentindo um fracassado.

Meu coração bateu mais forte que o normal e o ar não veio.

Me concentrei em técnicas de respiração que havia aprendido para sempre que precisasse me acalmar e me deitei no chão.

Respira.

Respira.

Respira.

Então, de repente, me peguei pensando que talvez eu ainda fosse um tanto importante para Teodora.